

**De Cara com a Violência**

**DE CARA COM**

# A VIOLÊNCIA

*Textos de*

Ivan Jaf *escritor*

Regina Célia Pedroso *historiadora, professora e pesquisadora  
da área de segurança pública*

*Ilustrações de*

Dave Santana

De cara com a violência

© Ivan Jaf & Regina Célia Pedroso, 2006

Diretor editorial Fernando Paixão

Coordenação editorial Claudia Morales

Editora assistente Angélica Pizzutto Pozzani

Redação das notas Anna Angotti

Preparadora Renata Menezes da Silva

Colaboração Cintia Shukusawa Kanashiro

Coordenadora de revisão Ivany Picasso Batista

Revisão Cecília Setsuko Oku e Luciene Lima

#### ARTE

Projeto gráfico Victor Burton

Editoração 2 Estúdio Gráfico

Editor de arte Antonio Paulos

Assistente de arte Claudemir Camargo

Pesquisa iconográfica Sílvio Kligin (coord.)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

J22d

2.ed.

Jaf, Ivan, 1957-

De cara com a violência / Ivan Jaf, Regina Célia Pedroso ;  
ilustração de Dave Santana. - 2.ed. - São Paulo : Ática, 2009.  
96p. : il. -(Jovem cidadão)

Acompanhado de suplemento de leitura

ISBN 978-85-08-12576-0

I. Violência - Literatura infantojuvenil brasileira. I. Pedroso,  
Regina Célia. II. Santana, Dave. III. Título. IV. Série.

09-2234.

CDD: 028.5

CDU: 087.5

ISBN 978 85 08 12576-0 (aluno)

ISBN 978 85 08 10852-7 (professor)

Código de obra CL 736843

2013

2ª edição

2ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática, 2007

Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 – CEP 02909-900 – São Paulo, SP

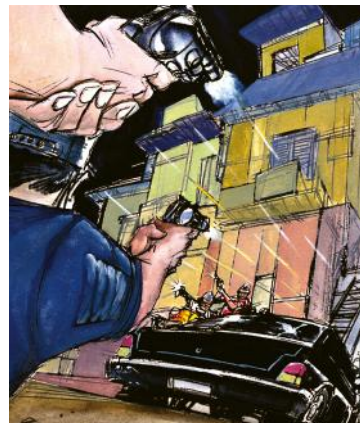
Atendimento ao cliente: 4003-3061 – atendimento@atica.com.br

www.atica.com.br

**IMPORTANTE:** Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



## Sumário



### FICÇÃO

CAPÍTULO 1

**O fuzil 7**

CAPÍTULO 2

**Os irmãos 10**

CAPÍTULO 3

**A estatística 14**

CAPÍTULO 4

**A máquina 17**

### TEXTO INFORMATIVO

*Afinal, o que é a violência? 22*

*País é 5º em ranking  
de homicídios de jovens 24*

*Violência e direitos humanos 25*

*Um tênis ou a vida? 25*

*A vida real foi ao cinema 26*

*Quando o crime faz  
parte da família 26*

*Uma nova lei para  
proteger as mulheres 27*



## FICÇÃO

### CAPÍTULO 5

**A rifa** 29

### CAPÍTULO 6

**A novidade** 34

### CAPÍTULO 7

**O trato** 38

### CAPÍTULO 8

**A visita** 43



## FICÇÃO

### CAPÍTULO 9

**A mulher** 53

### CAPÍTULO 10

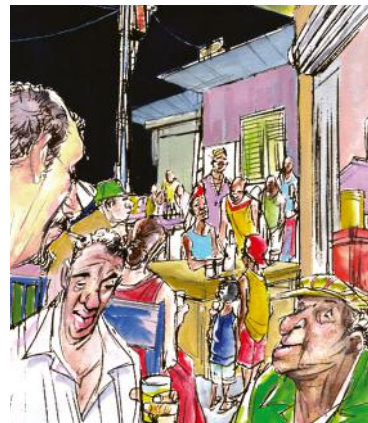
**A entrevista** 56

### CAPÍTULO 11

**A polícia** 61

### CAPÍTULO 12

**A tchutchuca** 65



## FICÇÃO

### CAPÍTULO 13

**A grande noite** 75

### CAPÍTULO 14

**O sorteio** 80

### CAPÍTULO 15

**O futuro** 84

## TEXTO INFORMATIVO

Vários tipos de violência 46

Campanha pelo desarmamento 48

A indústria do medo 49

Os jovens e o tráfico  
internacional de drogas 49

Rap não é sinônimo de violência 50

Cabeça de porco 50

Pichação é crime! 51

## TEXTO INFORMATIVO

De onde vem a violência? 68

Nem todo mundo é punido 70

Poder paralelo 71

“O homem é o lobo do homem” 72

Massacre do Carandiru: relato  
da tragédia 72

Ser violento não é legal 73

Sem esquecer a corrupção 73

## TEXTO INFORMATIVO

O que favorece a pirataria? 88

É possível resolver  
o problema da violência? 90

Segurança pública: um direito  
do cidadão 92

Sequestro-relâmpago 92

Bullying: a brincadeira  
que não tem graça 93



## CAPÍTULO 1

# O fuzil

O carro preto tinha vidros muito escuros. As pessoas cobriam os vidros dos carros com películas escuras para que os assaltantes, nos sinais de trânsito, não soubessem quem estava dentro.

Mas os bandidos também cobriam os vidros dos carros, para se esconder da polícia e dos outros bandidos. E a polícia à paisana também, para se proteger dos bandidos.

O **olheiro** que trabalhava para Marcinho era um garoto muito novo, uns doze anos, mal aguentava o fuzil. E ainda por cima estava distraído, acompanhando a novela das oito numa tevê que se via através da janela aberta do barraco da esquina.

Quando o carro preto dobrou, vindo do asfalto, e parou em frente ao garoto, com todos aqueles vidros escuros que não deixavam ver quem estava dentro, era tarde demais para ele acender um morteiro e avisar os traficantes lá no alto do morro.

Era noite. Os outros olheiros, que soltavam pipa de cima das lajes, já não estavam de serviço. Àquela hora já estavam todos doidões, em algum barraco. O toque de recolher decretado por Marcinho deixava a favela parada. Depois das dez horas ninguém circulava pelas vielas, a não ser os gatos, os vira-latas e os soldados do tráfico. E o único som era o dos aparelhos de tevê.

O garoto chegou a apontar o fuzil para o carro, mas não teve coragem. Era a primeira vez. Acabou atirando para o alto. Uma saraivada de balas

Os **olheiros** vigiam os pontos de venda de droga e alertam os traficantes caso haja alguma movimentação estranha.

## De Cara com a Violência

desgovernadas, porque ele não conseguiu segurar o tranco da arma. Os cães latiram. E tudo começou.

As portas do carro preto não chegaram a abrir. Nem os vidros.

Nando, um dos **gerentes do tráfico**, viu a cena pela fresta do barraco onde estava, fazendo uma partilha de cocaína: o garoto ainda atirando com o fuzil. Nando sacou a pistola automática que sempre trazia na cintura, pulou pela janela, deitou na laje do barraco em frente e abriu fogo contra o carro.

Cinco tiros seguidos. Três nos pneus.

O carro não ia poder mais sair dali.

Um minuto depois apareceram **soldados do tráfico** de todos os lados, de dentro de barracos, de cima das lajes, de becos escuros, submetralhadoras nas mãos, mas não entenderam o que acontecia e não atiraram contra o carro preto.

Naqueles segundos de vacilo e barulho, não escutaram os dois camburões chegando. Eles frearam atrás do carro preto e os policiais começaram a atirar no garoto com o fuzil.

Era um garoto muito magro e esperto. Ele dobrou a esquina e fugiu, enquanto as balas da polícia atingiam o barraco atrás dele, atravessando as paredes de madeira. A televisão explodiu. Uma mulher gritou.

Os soldados do tráfico metralharam os camburões, mas os policiais já tinham saído e estavam entrincheirados atrás de postes e caçambas de entulho.

O tiroteio explodiu, intenso.

O carro preto no meio, parado. Os tiros começaram a espatifar vidros, a furar a lataria. De dentro do carro, nenhum grito.

Ouviram um policial pedindo reforços pelo rádio.

Nando, o representante de Marcinho ali, gritou para recuarem. Se eles entrassem na favela a polícia parava ali, no asfalto. Era esse o acordo. Era pra isso que pagavam mensalmente à polícia. Aquilo tinha sido vacilo do garoto. Fuzil ali não era para ser usado. Era só para meter medo. Bastava acender uns morteiros.

Seus soldados recuaram, atirando, já sem querer acertar, voltando para os becos, as lajes, os buracos escuros. A polícia também foi poupando munição, atirando para o alto. O problema estava quase resolvido. Mas aí o carro preto acelerou.



Assim como nas empresas, as atividades do narcotráfico são organizadas segundo uma hierarquia. Os chefes comandam as operações do tráfico. Os **gerentes do tráfico** são responsáveis pelo repasse da droga e pela administração da atividade dos outros. Quem cuida do transporte são os vapores, também chamados de aviões. Os **soldados** são os seguranças do tráfico: andam armados, protegendo os pontos de venda e os traficantes.



Ele tinha ficado ligado todo o tempo. Acelerou e começou uma marcha a ré muito rápida, com os pneus estropiados arrancando fagulhas do asfalto.

Nando atirou de novo nele, com sua automática. Pura adrenalina. Não precisava ter feito isso. Se fosse gente da outra **facção**, a polícia se encarregaria deles. Isso também fazia parte do acordo. Estilhaçou o vidro da frente com três disparos.

O carro preto bateu de traseira num poste.

Ficou lá, quieto.

Os soldados do tráfico voltaram a apontar as armas para ele. Os policiais também.

A porta do lado do motorista se abriu. Lentamente. Um braço branco e fino apareceu, empurrando a porta, com dificuldade.

Uma mulher, de uns trinta anos, de camiseta branca, apareceu. O sangue escorria de um buraco de bala na altura do ombro direito.

Ela carregava um bebê.

Tinha uma expressão alucinada, os olhos muito abertos, os cacos de vidro brilhavam entre seus cabelos revoltos.

Olhou para todos aqueles homens lhe apontando armas, abraçando muito o bebê, tentando protegê-lo com o próprio corpo.

Através do vidro quebrado, viram que ela estava sozinha.

Ela não conseguia gritar.

Só então o bebê começou a chorar.

\*\*\*

O tráfico é controlado por facções criminosas, cada uma com suas zonas de atuação e regras próprias. Quando uma **facção** atrapalha os interesses da outra, uma guerra entre seus integrantes é desencadeada. As mais poderosas facções criminosas do Brasil são o Primeiro Comando da Capital (em São Paulo) e o Comando Vermelho (no Rio de Janeiro).